



QUESTÃO 1

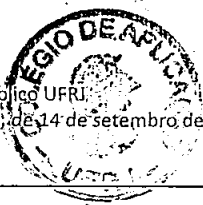
Apresente um planejamento adequado do ^{curso de} ENSINO FUNDAMENTAL II, para três aulas duplas, articulando todos os aspectos envolvidos na pontua 4

Segundo os propositores do CAP/FRT ~~de~~ Maria Coelho e André Uzeda e da ex-professora desta instituição Ana Grézia Dias, o segundo segmento do Ensino Fundamental desta escola é voltado para a formação do leitor literário, em geral abrangendo a leitura de contos, crônicas, mas sobretudo de narrativas policiais e de aventuras, ^{nos ditos} chegando às narrativas fantásticas, esta última mais comum ao currículo do nono ano. Segundo elas, "é necessário potencializar a dimensão do leitor literário e de autor das práticas pedagógicas que serão realizadas".

Além disso, ^{é necessário escapar} ~~é necessário~~ a realidade escolar, ^{que} ~~que~~ costuma conceber a formação como transmissão de conteúdos, num ciclo que privilegia a metalinguagem e a memorização de conteúdos meramente para responder a instrumentos de avaliação. Com isso, podemos recorrer ao conceito, na verdade, prático, de heterosociedade cunhado por Paulo Freire que compreende a mutualidade da construção de conhecimentos de maneira não hierárquica entre professor e alunos. Ou seja, o estudante deve ser sujeito ativo de sua própria construção de conhecimentos, identidade e cidadania.

Outro fator relevante ~~relativo~~ a ser levado em consideração para a construção de uma aula dialógica, de construção ativa dos saberes de todos os sujeitos envolvidos no ato pedagógico por compartilhar os saberes e experiências dos educandos em que o professor se constitui como mediador especializado, é o PCN de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental. Segundo referido PCN: "as atividades curriculares de Língua Portuguesa correspondem, principalmente, a atividades discursivas: uma prática constante de escuta de textos orais e de leitura... e produção de textos escritos, que devem permitir, por meio de análise e reflexão sobre os múltiplos aspectos envolvidos, a expansão e construção de instrumentos que permitam aos alunos, progressivamente, ampliar sua competência discursiva".

Somado a isso, é preciso atentar para os objetivos gerais do ensino de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental, como utilizar a linguagem na escuta e produção de textos orais e escritos de modo a atender as múltiplas demandas sociais; utilizar a linguagem para estruturar a experiência e explicar a realidade; analisar criticamente os diferentes discursos; reconhecer e valorizar a linguagem de seu grupo social; conhecer e valorizar as diferentes variedades da português; procurar combater o preconceito linguístico; usar os conhecimentos adquiridos por meio da prática de análise linguística para expandir sua capacidade de monitoração dos possíveis



idades de uso da linguagem, ampliando a capacidade de análise crítica. Com isso, o ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa envolve o aluno como sujeito da ação de aprender os conhecimentos com os quais opera nas práticas de linguagem e a mediação especializada do professor.

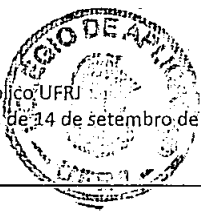
Com base nestes princípios, passamos agora a sugerir um plano adequado aos oito anos do Ensino Fundamental II, para três aulas duplas.

Para a primeira aula dupla, serão selecionados contos literários de grandes autores brasileiros sobre uma mesma lenda folclórica nacional: a festa no céu. Um dos textos se trata de um fragmento da "A volta do marido prodígio", de João Guimarães Rosa, o outro é de Clarice Lispector, intitulado mesmo "A festa no céu", presente no seu livro "doze contos brasileiros". A versão de Guimarães Rosa se trata de um texto escrito que mimetiza a oralidade, já a de Clarice Lispector tem características próprias de um texto escrito. O primeiro texto deve ser lido pelo professor para o turma, com algumas perguntas sobre o sujeito da história e suas características. O segundo texto deverá ser lido pelos estudantes, de forma independente ou coletiva, com cada um lendo um parágrafo, com as mesmas perguntas subsequentes feitas sobre o texto anterior.

Assim, é possível comparar as duas versões da mesma história de forma dialógica, com o fim de proporcionar uma interpretação própria, autônoma, observadora e crítica. A partir daí, é interessante dividir a turma em grupos de três a cinco estudantes, como propõe José Carlos Libâneo, para que cada grupo formule suas próprias interpretações e perguntas sobre o texto para os demais grupos. No final da aula, é interessante solicitar que cada estudante resuma o final da história, com fins de assimilação, mas sobretudo de estimular a criatividade e a competência discursiva.

A segunda aula dupla visa aprofundar o nível interpretativo e de reflexão crítica sobre o texto e a competência discursiva, baseado em aspectos gramaticais relevantes, não numa metalinguagem pura, mas como instrumento de interpretação do texto e do mundo, nota de domínio e promotor da relexicalidade. Rosamir Noronick enfatiza que os processos referenciais podem colaborar para a leitura de textos literários e a importância de relacionar estes processos, presentes em qualquer texto, no ensino de leitura de Língua Portuguesa.

Para tal, selecionamos duas versões distintas de "a cigarra e as formigas" de Esopo e de Monteiro Lobato. Em Esopo, os referentes, tanto da cigarra, quanto das formigas, são significativos para a construção de sentido da história. Eles sugerem que a atitude da cigarra está errada e a das formigas está correta. A partir da ~~seu~~ leitura em sala de aula,



tal qual na primeira aula, o fará a interpretação dos dois textos de forma coltinea a partir dos ~~elementos~~ elementos de seus referentes comparando aos da história de Montezuma Cuzco que recria, parodia, a de Esopo. Na ~~recriação~~ recriação de Hobato, os referentes criam simpatia para com a cigarra e a antipatia em relação a segunda ~~paródia~~ paródia, chamada de má, já que não abriga a cigarra, representante dos artistas, e deixa morrer, sinalizando um sentido de precariedade e falta de reconhecimento do trabalho artístico.

Após elencar os referentes que dizem respeito aos dois textos, os alunos devem alterá-los para mudar o seu sentido, assim com os ~~referentes~~ referentes em relação a história de Esopo, chegando até a recriar totalmente a história. O mesmo pode ser feito em relação ao conto de terror em que os referentes geralmente são utilizados para gerar a sensação de medo e assim a de mistério.

Por fim, na terceira aula, os estudantes devem se voltar para contar sua própria história, utilizando os recursos e processos estudados nas duas primeiras aulas, com o fim de formações de identidade pessoal e comunitária e de estímulo à criatividade. Para isso, se requer que os estudantes possam entrar em contato com os membros mais antigos de sua família, como os avós, ou de sua comunidade, de modo a planejar por escrito sua atuação oral na entrevista. Depois será feito o processo inverso, passando a entrevista oral para a forma escrita em sala de aula. Após a transposição do texto oral para o escrito será solicitado a cada estudante que retextualize o seu texto para outros gêneros, como o rap, o teatro, a poesia, o quadrinho, entre tantos outros, de acordo com as habilidades, competências e demandas de cada estudante, num trabalho como o conceituado por Marcuse.



QUESTÃO 2

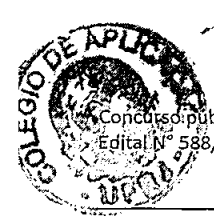
Disserte teoricamente a respeito dos temas "Currículo e diversidade cultural", articulando as funções da escola na contemporaneidade:

A unidade básica de ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa é o texto em suas modalidades oral e escrita e nos mais diversos gêneros textuais como preconizam o PCN e Freire e Werneck. Segundo eles, "os PCNs apresentam propostas que valorizam as variedades e pluralidades de uso, em diversos gêneros orais e escritos" num princípio de uso que leva à reflexão, alternando a descoberta nos usos. Ela ressalta que a análise e propostas de redação devem levar em consideração as características intrínsecas aos gêneros textuais em questão e "melhorar a concepção dos alunos a respeito da própria língua e diminuir o preconceito linguístico com atitudes simples que privilegiem o uso, a reflexão, no lugar de apenas dividir e classificar o texto!!"

Tratando especificamente dos currículos, ele tem que estar em consonância com o projeto pedagógico da escola, que, por sua vez, tem que dialogar com um projeto nacional e também com as redes que orientam o currículo, seja no plano municipal ou estadual. A construção do currículo da escola deve ser autônomo e tem que passar por uma revisão de currículos que esteja nas mesmas diretrizes deste projeto. Neste sentido que é pertinente a crítica à criação de uma Base Curricular Nacional, pois ela se constitui como uma espécie de lista de conteúdos sendo que num país continental como o Brasil não se pode ignorar as diferenças regionais, o que ~~deixa~~ ^{requer} a inserção de novos conteúdos e práticas pedagógicas de acordo com as demandas locais. Por isso, não é interessante a unificação do ensino com a previsão apenas baseada nos resultados finais ~~e não~~ com a fim de construir resultados parciais e não no processo

As avaliações amplos e externas, como o SAERT, SAERTinho, a Prova Brasil, ou o ENEM e índices como o IDEB, pressionam a autonomia docente de um trabalho autoral pois os professores se veem pressionados a preparar os estudantes para estas avaliações, que muitas vezes, regulam a quantidade de financiamento destinada a cada instituição de ensino, pressionando os docentes na direção dos resultados finais e não no processo pedagógico ^{como um todo} na própria avaliação como processo e não só como resultado final. O que reforça a importância da autonomia escolar, curricular, docente e didática.

Neste sentido, a BCN de Língua Portuguesa para o Ensino Médio prevê o "desenvolvimento orgânico do currículo, superando a organização por disciplinas e tópicos". Como ressalta o PCN, a formação do leitor crítico é uma função de todas as disciplinas, não só,



QUESTÃO 3.

Relacione o papel do professor de Língua Portuguesa e Literatura no Colégio de Aplicação à formação dos licenciandos em Letras, articulando os pontos 4.

As crises políticas e econômicas da década de vinte dos séculos passado geraram uma mudança na matriz econômica e social brasileira na década de trinta, de uma matriz oligárquica rural a uma mais industrial. Com isso, se tornou necessário inserir uma gama maior da população nas escolas, antes aliadas delas. ~~Esta década~~ Com isso, ~~se~~ ^{começou} a se tornar necessário o debate sobre a formação de professores e debates pedagógicos gerais, capitaneados sobretudo por Ulisses Teixeira, que num momento de crise e radicalização contra uma suposta ameaça comunista, foi considerado socialista e perseguido, inclusive no fim da Universidade do Distrito Federal, que foi assimilada pela Universidade do Brasil, atual UFRJ.

Porém, seus esforços não foram em vão e já na década de trinta começaram a discutir leis que normatizam sobretudo novamente a formação docente que foi vinculada à Faculdade de Filosofia e à cadeira de Didática, ocupada pelo professor Mattos, um dos entusiastas dos Colégios de Aplicação e um dos fundadores da CAP UFRJ, tendo sido seu diretor pelos primeiros vinte anos de sua existência, fundada em 1948.

Neste contexto, os Colégios de Aplicação surgiram com uma dupla função: a de ser uma base sólida e privilegiada da formação de professores unida à pesquisa, uma vez que ligados à universidade, tinham responsabilidades pelo estágio de prática de ensino dos licenciandos ligados à sua universidade de origem. Embora se constituam centros de excelência de experimentação pedagógica ativa e autônoma e de formação docente, o diálogo desses colégios com os demais, sobretudo das redes municipal, estadual e privadas, é minúsculo mas normatiza esta qualidade por todo o sistema de ensino, sobretudo o público.

Segundo Maria Coelho, André Istáda e Ana Crêlia Dias é necessária a participação dos licenciandos da CAP UFRJ em ações de construção coletiva que visem à mudança do quadro de prioridade ~~em~~ do ensino público atual, convocando melhor uma atitude de sujeitos diante da condição de professor. Deste modo, o professor em formação deve assumir-se enquanto agente da transformação social alinhado a um discurso ideológico, não, como sustenta Paulo Freire, não dá discurso neutro e o pretexto de uma suposta neutralidade leva a um ensino bancário de acordo com a ideologia dominante e contra as demandas sociais da maioria da população.



Desse ponto de vista, é ~~essencial~~ ^{fundamental} a liberdade autoral, de construirmos os nossos próprios currículos cotidianamente em nossas aulas, buscando em considerações a diversidade cultural de nosso país e ~~contidas~~ ^{contidas} pelos estudantes para a sala de aula. Portanto, devemos questionar a centralidade do livro didático e materiais apostilados, cujo projeto curricular é pensado por terceiros, retirando muitas vezes a autoria docente. Esta pressão é exercida com força sobre os docentes orientador e em formações desenhadas à exploração mercadológica motivada por programas governamentais de livros didáticos, com notório unanímismo investível para as editoras.

Dessa forma, André Uzeda e Maria Coelho contam uma experiência bem sucedida de elaboração de material didático elaborado pelo professor orientador a ser aplicado nos turmas e compartilhado com os estagiários de Letras. Eles participaram do debate, com o professor refletindo sobre a elaboração do material, até chegarem ao ponto de elaborarem o seu próprio material formando um banco de materiais didáticos que os alunos poderiam acessar caso sentissem a necessidade de recorrer ao livro para aprofundar e assimilar conhecimentos de modo ativo, pelo seu próprio esforço e trabalho.

Esta experiência leva em consideração a escola entendida como lugar de feitura e partilha do saber, capaz de acionar a dimensão de atuação cara aos processos de formação do leitor literário. Com isso, o licenciando ~~deve~~ ^{deve} ~~ser~~ ^{estimulado} a entender, na prática, a importância da leitura ~~real~~ ^{real} como o lugar do professor que lê para seus alunos, despertando a dimensão ativa como caminho à curiosidade e conhecimento, criando pontes entre o estudante e o texto, se envolvendo no diálogo literário como forma de humanização, de conhecimento e de cidadania desenvolvida por Antônio Candido. A literatura contribui para um saber sobre si a partir do outro. Para isso é necessário criar no licenciando a identidade de professor leitor.

Outra experiência relatada por Maria Coelho e André Uzeda foi a de licenciandos de Letras que ingressaram no estágio no CAP/UFRRJ acreditando possuir um perfil meramente de Língua Portuguesa sem vocação para o ensino de literatura. Ampliando o leque de leituras, debates do sobre a leitura do texto literário ou não e a interpretação textual apoiada em bases gramaticais para realizar, progressivamente, a interpretação literária, extraindo a ideologia e visões do mundo exterior de cada texto, além de apoiar no estudo de ensino de literatura, com autores como Regina Zilbermann, Maria Salek, Chiapini, ou Compagnon e Trouse, os licenciandos, ao fim do estágio propunham realizar suas aulas a partir da leitura do texto literário, se formando ao mesmo tempo professor de língua e literatura, nas suas modalidades de ensino de letras.

A partir dessas reflexões e experiências de estágio docente supervisionado, podemos concluir que a seleção de textos não é neutra, assim como a docência não é. Ela implica em tomada de posição e atitude política diante do currículo e do mundo. O conhecimento não se faz pela mera transmissão e acúmulo de saberes, mas pela experiência subjetiva do ensinar e aprender. Tanto aprende quem ensina, quanto ensina quem aprende: num processo de docência em que todos são sujeitos do conhecimento em construção no ambiente escolar, como deveria ser também fora dele.